

Neopentecostalismo: a ressignificação mercadológica do pentecostalismo tradicional

*Neopentecostalism:
the market resignification of traditional Pentecostalism*

*Joelson Agostinho de Pontes¹
Brayan de Souza Lages²
Bruno Ferreira Gomes³
Diego Vinicio Fardin⁴*

Resumo: O avanço do pentecostalismo tradicional que vem acontecendo há meio século, não se prende em um episódio e nem é ocorrência social recente, de tal modo que é possível observar ressignificações nesse fenômeno religioso. Sendo assim, surge o neopentecostalismo, que traz como fator distintivo o conflito espiritual e a mudança do sacrifício pessoal para o monetário. Fatores como esses proporcionaram a esta nova corrente se transformar em comunidades densamente frequentadas. E não se

Artigo recebido em: 04 out. 2017
Aprovado em: 16 out. 2017

¹ Joelson Agostinho de Pontes. E-mail: Joelson_ro@hotmail.com
Especialista Em Gestão Do Agronegócio Pela Faculdade De Pimenta Bueno;
Mestrando Em Ciências Das Religiões Pela Faculdade Unida De Vitória;
Professor Da Universidade Federal De Rondônia.

²Especialista em Teologia do Antigo Testamento pela Faculdade Unida de Vitória; Mestrando em Ciências das Religiões Pela Faculdade Unida de Vitória. E-mail: brayanlages@gmail.com.br.

³Especialista em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Federal de Juiz de Fora; Mestrando em Ciências Das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. Email: bferreirag@yahoo.com.br.

⁴Especialista em Direito Público pela Unesc; Mestrando em Ciências Das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória Faculdade Unida de Vitória. E-mail: diegofardin@hotmail.com.

destaca apenas no plano religioso, indo além. Estrutura-se como um novo mercado em efervescência, permeia segmentos como o midiático, político e de produtos religiosos. Assim, o neopentecostalismo significou uma forte mudança na direção da doutrina do pentecostalismo tradicional brasileiro. Adotou uma organização administrativa e institucional nos mesmos padrões seguidos pelo modelo empresarial lucrativo.

Palavras-chave: Mercado, Neopentecostalismo, Religião, Sociedade, Capitalismo.

Abstract: The advance of traditional Pentecostalism that has been going on for half a century is not caught up in an episode and is not a recent social occurrence, so that it is possible to observe re-significances in this religious phenomenon. Thus, neopentecostalism arises, which brings as a distinctive factor spiritual conflict and the shift from personal to monetary sacrifice. Factors such as these have led to this new trend turning into densely populated communities. And it does not stand out only on the religious plane, going beyond. It structures itself as a new market in effervescence, permeating segments such as the media, political and religious products. Thus, neo-Pentecostalism meant a strong shift in the direction of traditional Brazilian Pentecostalism doctrine. It adopted an administrative and institutional organization in the same patterns followed by the lucrative business model.

Keywords: Market, Neo-pentecostalism, Religion, Society, Capitalism

Introdução

O avanço do pentecostalismo tradicional vem acontecendo há meio século e não se prende a um episódio e nem é ocorrência social recente, de tal modo que é possível observar ressignificações nesse fenômeno religioso. Sendo assim, surge o neopentecostalismo, que traz como fator distintivo o conflito espiritual e a mudança do sacrifício pessoal para o monetário. Fatores como esses proporcionaram a esta corrente se transformar em uma das maiores comunidades religiosas do país e, não se destaca apenas no plano religioso, vai além, estrutura-se como um novo mercado em efervescência, permeia segmentos como os “midiáticos, político-partidários, assistenciais, editoriais e mercadológicos”⁵. O neopentecostalismo significou uma forte mudança na direção da doutrina no Brasil. Mais que distanciarem-se, como já dito, do legalismo pentecostal, ou seja, do tradicional sectarismo e do

⁵ MARIANO, R. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estud. Av.*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, dezembro de 2004. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300010>. Acesso em: 13 mar. 2017.

ascetismo puritano das correntes que as antecederam, adotando assim, uma “organização administrativa e institucional nos mesmos padrões seguidos pelo modelo empresarial”.⁶

No cenário socioeconômico brasileiro e mundial existente a presença de desdobramentos que trazem consequências para todas as esferas da sociedade. Eles atuam de forma direta no viver de todos os indivíduos e termina conduzindo as normas daquilo que se pode esperar do cenário contemporâneo, proporcionando a reflexão de que há uma ligação de todos os setores da existência cidadã com a situação econômica e sua respectiva atuação no cotidiano humano. Recentemente encontra-se autores, como Berger, em “O dossel sagrado”, que trabalha com o conceito de secularização de mundo, apontando para uma “ligação mais elástica entre sagrado e profano, mercado e religião”.⁷ Partindo dessa dinâmica e no caso específico brasileiro, é possível identificar que autores como Campos demonstram que “existe um processo de reformulação do universo religioso, que tem seu desdobramento de forma intensa e bruta”.⁸ A necessidade desse pluralismo religioso fez com que as unidades de libertação/salvação, criassem uma disputa intensificada pelo mercado altamente competitivo, criando novas estratégias segundo a lógica de mercado, com o objetivo de produzir bens religiosos mais reais, de fácil visualização e aceitação pelos fieis religiosos. Outra consequência dessa reformulação do ambiente de fé brasileiro é a velocidade do trânsito religioso que, por sua vez, está diretamente relacionado com processos de mudança social, como “migrações, aumento da população urbana, crises econômicas e congêneres”.⁹

A partir deste panorama religioso percebe-se que a lógica de mercado predomina entre as empresas/igrejas, em que a negociação de bens simbólicos e o aperfeiçoamento dos “gestores religiosos” que determinam novos rumos para esses empreendimentos. Segundo Bourdieu, “existe na sociedade contemporânea uma situação de concorrência na área de manipulação simbólica do ambiente privado da vida das pessoas por inúmeros agentes: clérigos, membros de

⁶ PRANDI, R. A religião do planeta global. In: ORO, A. P.; STEIL, A. (Orgs.). *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 63.

⁷ BERGER, P. L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985, pp.119-138.

⁸ CAMPOS, L. S. *A Igreja Universal do Reino de Deus – um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão* (Brasil, África e Europa). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, 1999, pp. 355-367.

⁹ BITTENCOURT FILHO, J. *Matriz religiosa brasileira*. Religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003, pp. 179-185.

seitas e outros”¹⁰. Com essa nova realidade social, é possível perceber o surgimento de novas correntes como plataforma de imersão ao movimento neopentecostal, evidenciando um “processo de ruptura de sua matriz pentecostal tradicional”¹¹, e sua raiz histórica protestante; faz-se necessário um recorte histórico/econômico, que foi realizado para melhor aferir as características mercadológicas de expansão existentes, percebeu-se que este movimento religioso foi um dos que apresentou maior crescimento monetário nas últimas décadas.

1. Contextualização e bases pentecostais

Fomentado no início do século XX nos Estados Unidos, o “pentecostalismo”¹² tem surgido em vários países no processo de crescimento; que vai desde o Sul do Pacífico, o Leste e o Sudeste da Ásia, até a África, e, “observa-se expressiva relevância até a América Latina”¹³. “No decorrer das últimas décadas no Brasil, presenciou-se um aumento exponencial da comunidade evangélica”¹⁴, expressivamente de pentecostais. Nesta mesma perspectiva, a imagem de líderes carismáticos (pastores em especial) também, quase no mesmo percentual, destacando os olhares para o seu crescimento e o papel, de pessoas famosas, assumido por esses, preferidamente sobre a mídia, através de todos os canais de transmissão e comunicação os quais, nitidamente, esses líderes trabalham a favor do movimento e manutenção do “ritual entre eles, os seguidores e o próprio carisma”¹⁵. De acordo com Mariano, o aumento do pentecostalismo é uma organização do “processo de

¹⁰ BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Editora Bertrand Brasil S.A. Rio de Janeiro, 1990, pp. 20-38.

¹¹ SANCHIS, Pierre. *As religiões dos brasileiros*. HORIZONTE 1.2 2009, p.30.

¹² MARIANO, 2004, p. 121.

¹³ CÉZAR, E. L. *História da Evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa: Ultimato, 2000, p. 155.

¹⁴ Os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil no período intercensitário. Em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010, chegou a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Em 1991, este percentual era de 9,0% e em 1980, 6,6%. In: IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_imprensa.php?id_noticia=2170>. Acesso em: 17 mar. 2017.

¹⁵ ROCHA, E. M. R. *Direitos Fundamentais e Comunicação Social: Carisma, Magia, Marketing e Religião na Igreja Mundial do Poder de Deus – Dissertação de Mestrado – UNIDA/Faculdade Unida de Vitória. Vitória/ES. 2014, p. 13.*

globalização do protestantismo popular, [...] o neopentecostalismo, é demonstrado por muitos autores como o fenômeno religioso mais bem-sucedido dos últimos tempos [...].¹⁶

“O movimento neopentecostal, também denominado pelos pesquisadores do tema como pentecostalismo autônomo ou místico”¹⁷, é um caminho do movimento evangélico que surgiu no Brasil no final da década de 1970, tomando forma e se fortalecendo na década de 1980 e cuja principal característica é a liberação dos chamados usos e costumes de uma vida em santidade, condição estabelecida por muito tempo como comportamento dos “evangélicos como são identificados no Brasil e dos fiéis das diversas ramificações confessionais que constitui o universo do neopentecostalismo”¹⁸. Seguindo este fato em desenvolvimento, Mariano afirma que, com essa nova prática de ser evangélico, “passou-se a dar ênfase a batalha espiritual contra forças inimigas originado de anjos expulsos e a pregação focada na Teologia da Prosperidade, doutrina muito defendida e desenvolvida nos EUA a partir de 1930”¹⁹. Sendo assim, apresenta-se aos seus simpatizantes como uma nova forma de alcançar um patamar de bens materiais ou riquezas terrenas, através do pensamento ou ministração de que a pobreza é de origem das forças do mal e que o verdadeiro Deus, por ser um pai amoroso e rico, deseja aqueles que n’Ele creem sejam bem-sucedidos em todas áreas de sua vida. “Desta forma, quem vive na pobreza, afastado do sucesso (espiritual, físico e material) está fora dos propósitos de Deus”²⁰. O pentecostalismo tradicional, desde sua criação, divulga a concepção de um Deus de milagres, de manifestações sobrenaturais do Espírito Santo e a busca constante por dons espirituais, como profecia, revelação, cura, entre outros. Observa-se, com o passar dos anos, que os novos movimentos pentecostais que surgem, trazem um apelo maior a exacerbação dos dons espirituais e a esta ou àquela oferta. Segundo Pierucci, “nenhuma civilização até o momento pôde evoluir sem pessoas que libertassem suas enfermidades”.²¹

Desta forma, a “ressignificação”, adotada para o campo religioso do movimento neopentecostal, proporcionou uma maior evidencia de sua capacidade na criação de meios de sobrevivência e

¹⁶MARIANO, 2004, p. 121-137.

¹⁷ MENDONÇA, A. G. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. 2 ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008, p. 34.

¹⁸ MARIANO. 2004, p. 121.

¹⁹ MARIANO, 2004, p. 121.

²⁰ CAMPOS, 1999, p. 367.

²¹ PIERUCCI, A. F. *A magia*. São Paulo: Publifolha, 2000, p. 36.

renovação. Vale a pena frisar que a “cura divina não se limitou apenas ao Brasil, mas aconteceu em varias partes do mundo, sendo frequentemente utilizada por pregadores norte-americanos a partir de 1940”²². A explosão do movimento neopentecostal não é somente contribuir para ser o “solucionador das indagações de âmbito financeiro de seus fiéis; ultrapassa esta perspectiva no tocante às áreas familiar, sentimental, amorosa, física, profissional e etc.”²³. Na explicação lógica de Pierucci&Brandi, deduzem que, as metrópoles urbanas modernas são dessacralizadas ou profanas, apontam para isso com base no mesmo sentido que Max Weber deu à palavra, significando “que todas as atitudes devem estar alicerçadas na razão, desbancando o apelo sobrenatural ou comportamental”²⁴. Desse modo, sem dúvida o neopentecostalismo é a “prática religiosa que tem atraído maior número de simpatizantes para o interior de seu campo religioso”²⁵. Prova incontestável dessa ideia são as pesquisas desenvolvidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER), nas três últimas décadas. A primeira, no ano de “1980”²⁶ a segunda, no ano de “1991”²⁷, a terceira, no ano de “1994”²⁸, a quarta, no ano de “2000”²⁹ e a quinta pesquisa, no ano de

²² STANLEY, M. B.; MCGEE, G. B. *Dictionary of pentecostal and charismatic movements*. Grand Rapids: Zondervan, 1989, p. 232-234.

²³PASSOS, D. J. *Pentecostalismo e Modernidade*. Conceitos Sociológicos e Religião Popular Metropolitana. *Revista do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade (NURES)*, n. 02, 2006.

²⁴ PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. *A Realidade Social das Religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 24.

²⁵ ROCHA, 2014, p. 23.

²⁶NERI, M. C. (Coord.). *Novo Mapa das Religiões*. Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN_texto_FGV_CPS_Neri.pdf>.

Acesso em: 20 mar. 2017.

²⁷ Na segunda pesquisa realizada no Brasil, no ano de 1991, o IBGE demonstrou que os pentecostais somavam 9,0% da população. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo1991/tendencias_demograficas/tendencias.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

²⁸ O Instituto DataFolha de Pesquisas demonstra que em contagem realizada no segundo semestre de 1994 davam conta de que a população pentecostal estava na casa dos 71% em relação a população evangélica. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

²⁹ No Censo do ano de 2000, o IBGE apurou um crescimento da ordem de 15,04% era o número de evangélicos. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tendencias_demograficas/tendencias.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

“2010”.³⁰

Estes dados confirmam as transformações acontecidas no meio religioso pentecostal; cujo solo requer estudos aprofundados, dado seu dinamismo, especialmente no que diz respeito ao neopentecostalismo, pois, segundo Droogers, esta é uma “religião paradoxal e ambivalente”³¹. Entretanto, para Mariano, essa vertente do pentecostalismo nada mais é que: “[...] uma condição à modernidade percebida pela dessectarização, ao rompimento com o ascetismo contra cultural e a crescente forma desses religiosos e suas denominações à sociedade e à cultura de consumo”³². Contrário às ideias de Mariano, acerca da expressão neopentecostalismo; utilizada por este sociólogo, Siepinski compreende que o prefixo *neo* implica em continuidade e não ruptura. Porém, Mariano se defende afirmando que: “o prefixo neo é adequado justamente por implicar continuidade e, ao mesmo tempo, novidade e mudança”³³. Assim, para além das ministrações existentes nos templos neopentecostais, um fato na vida cotidiana brasileira vem tomando forma, a despeito de ser um fenômeno recente: “os notáveis milagres, em profusão, dos programas religiosos nos canais de telecomunicação”³⁴. Fenômeno recente, a pregação religiosa nos meios de comunicação de massa uma década atrás restringia-se à missa dominical. A extensa rede de comunicação dessas igrejas incorpora ainda programas de rádio, sites na Internet e material de divulgação religiosa. Segundo dados de pesquisa realizada pela Agência Nacional do Cinema (Ancine) “os programas religiosos ocupam 13,5% da grade das emissoras de TV aberta”³⁵. “Desta forma observa-se uma presença expressiva destas igrejas no contexto social que simpatizam pelas práticas adotadas no movimento neopentecostal”³⁶.

Paralelo a esse novo fenômeno brasileiro aconteceram, também, cenas comuns antes casos sem maiores repercussões de

³⁰ No último Censo, o de 2010, os números indicaram um crescimento da ordem de 22,2 % da população brasileira. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tendencias_demograficas/tendencias.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

³¹ DROOGERS, A.; BOUDEWJINSE, B. (Ed.). *Algo mas que o ópio* – uma leitura antropológica Del pentecostalismo Latino americano e Caribeño, San Jose, Costa Rica, DEI, 1991, p. 34.

³² MARIANO, 2004, p. 9.

³³ MARIANO, 2004, p. 36.

³⁴ ROCHA, 2014, p. 17.

³⁵ ANCINE. *Monitoramento da Programação*. 2013. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

³⁶ ANCINE, 2013.

intolerância que se acumulam e deixaram a esfera das relações cotidianas para tomar proporções de visibilidade no País, como diariamente as notícias disponibilizadas pela mídia. Para Silva, no que diz respeito à intolerância, o critério de classificação dos casos pode acontecer da seguinte forma:

- 1) ataques feitos no âmbito dos cultos das igrejas neopentecostais e em seus meios de divulgação e proselitismo;
- 2) agressões físicas in loco contra terreiros e seus membros;
- 3) ataques às cerimônias religiosas afro-brasileiras realizadas em locais públicos ou aos símbolos dessas religiões existentes em tais espaços;
- 4) ataques a outros símbolos da herança africana no Brasil que tenham alguma relação com as religiões afro-brasileiras;
- 5) ataques decorrentes das alianças entre igrejas e políticos evangélicos e, finalmente;
- 6) as reações públicas (políticas e judiciais) dos adeptos das religiões afro-brasileiras.³⁷

Ainda para o autor, o ponto de partida para buscar esclarecimento à existência desses conflitos e ao desrespeito às liberdades religiosa e de expressão, ele alicerça seus argumentos na base de que esse tipo de teologia está apoiado na crença de que o motivo e causa da maioria das transformações desse mundo pode ser atribuída à “presença do demônio e este, em geral, é associado às divindades de outras denominações confessionais; especialmente as religiões de matriz afro-brasileiras”.³⁸

[...] dos púlpitos das igrejas esse tipo de ataque se estende para os programas religiosos (“Fala que Eu te Escuto”, “Ponto de Luz”, “Pare de Sofrer”, “Show da Fé”, etc.) transmitidos pela Rede Record, principal rede evangélica do nosso país na atualidade, e por outras emissoras que têm seus horários comprados pelas igrejas neopentecostais. Em muitos desses programas são exibidas “reconstituições de casos reais” ou dramatizações nas quais símbolos e elementos das religiões afro-brasileiras são retratados como meios espirituais para a obtenção unicamente de malefícios: morte de inimigos, disseminação de doenças, separação

³⁷ SILVA, V. G. *Intolerância religiosa*– Impactos do Neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007, p. 10.

³⁸ SILVA, 2007, pp. 10-11.

de casais ou amarração amorosa, desavença na família etc. São comuns nesses programas os testemunhos de conversão dados por pessoas que se apresentam como antigos frequentadores de terreiros, que são entrevistados pelo pastor e “confessam” os malefícios que teriam sido feitos com ajuda das entidades afro-brasileiras (chamadas de “encostos”). Os testemunhos mais explorados são os dos que se apresentam como ex-sacerdotes das religiões afro-brasileiras, chamados de “ex-pais-de-encosto” que explicam detalhadamente como faziam os despachos e sua intenção malévola[...].³⁹

Desta forma, é possível identificar e observar tensões dessas denominações religiosas pentecostais e neopentecostais, frente a outras denominações, em especial as de matriz afro-brasileiras, para diferenciá-las, Barbosa atenta para a seguinte questão: “Pentecostais são as denominações evangélicas originadas no movimento religioso no início do século XX, tendo como distinção do protestantismo histórico, do qual é herdeiro, a pregação na crença da contemporaneidade dos dons do Espírito Santo”⁴⁰. Assim, fica bem claro que esta ascensão do movimento neopentecostal está associada às práticas em atender com produtos específicos de sua clientela, mesmo criando mal-estar com outras religiões e denominações. Nota-se que esse movimento com estas características vem sendo responsável pela expansão, em grande medida, do fenômeno e popularização do pentecostalismo contemporâneo, especialmente na sua propagação na mídia televisiva no Brasil nos últimos anos.

2. Neopentecostalismo: propagação e desenvolvimento

A partir do Cristianismo surgiram várias religiões, divididas em três grandes blocos: a ortodoxa, a católica e a protestante. A separação do Império Romano, entre Oriental e Ocidental, seguido da queda desse último, proporcionou variáveis adequadas para a

³⁹ SILVA, 2007, p. 11.

⁴⁰ BARBOSA, A. M. *Do terreiro ao púlpito: apropriação e ressignificação de elementos de crença das religiões afro-brasileiras pela liderança da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2010)*. Londrina, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mesthis/MarcoABarbosa_Dissertacao.pdf>. Acesso em: 30abr. 2017, p. 11.

“primeira divisão definitiva do cristianismo, em 1054”⁴¹. A partir desta divisão da cristandade surge o Catolicismo Romano, o qual se mantém subordinado ao poder centralizado do Papa e a Ortodoxa que, aos poucos, foi se enfraquecendo, tendo como principais representantes a Ortodoxa russa e a Ortodoxa grega. Novamente uma ruptura ocorreu pouco menos de 500 anos depois no Catolicismo. Mediante os avanços das áreas científicas deste período proporcionam grandes descobertas para a sociedade, a religiosidade, que até então conceituava central no comando do mundo e para todos os seus acontecimentos, passou a ser indagada, a expectativa criada nas sociedades de cultura ocidental era de que uma nova ordem que surgiria; em que os indivíduos e seus grupos sociais tivessem como referência a base da lógica e excluíssem de seu cotidiano o “pensamento ou costume religioso respaldado na religião, iniciando, assim, uma sociedade em que Deus já não existisse ou com menor relevância para as conquistas e anseios da sociedade”⁴². Contrariando o que afirmavam que ocorreria, essa sociedade, alicerçada na razão e não mais em mitos e dogmas, paradoxalmente, retorna à sua religiosidade. Dessa maneira, mesmo com a presença da ciência em várias camadas da sociedade, o clamor religioso firmado na emoção e, muitas vezes, no mito volta a crescer no período compreendido entre o término do século XIX e início do século XX; com notada relevância nas décadas finais desse último.

“No movimento pentecostal”⁴³ essa retomada pelo encanto religioso tem uma acentuada expressão. A base inspiradora desse movimento está solidificada no reavivamento que traz em sua essência a tentativa de propagação e preservação das teorias de John Wesley (1703) sendo que o metodismo que chegou ao Brasil, em 1867, veio com uma forma ideológica diferente suas origens. Explica Dornelles: “enche as igrejas, enfatiza os dons do Espírito Santo e provoca mudanças radicais na liturgia tradicional”⁴⁴. Conforme Burgess e MC Gee, o pentecostalismo em si mesmo demonstra “exagerada ênfase na experiência religiosa alicerçada na subjetividade”⁴⁵. Existe uma posição na academia que, embora ele

⁴¹ SMITH, H.; SCOOS, M. *As Religiões do Mundo, nossas grandes tradições de sabedoria*. São Paulo: Ed. Cultrix, 2002, p. 328.

⁴² NIETZSCHE, F. *Assim falou Zarathustra*. São Paulo: Martin Claret, 1999, p. 25.

⁴³ Cf. DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo, Vida Nova, 1997, p. 1265).

⁴⁴ DORNELES, V. *Cristãos em Busca do Êxtase*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2002, p. 73.

⁴⁵ BURGESS; M. G. *Dicionário dos movimentos pentecostais e carismáticos*. Hardcover. 1988, p. 5.

tenha sido instituído em 1906, as raízes do pentecostalismo estão mesmo no movimento de reavivamento entre os anos 1840 e 1850 nos EUA. Entretanto, a religião católica caminhava como a religião professada pelo Estado, reconhecia-se que o Brasil era uma nação cristã em suas diversas manifestações. Segundo ainda Siepierski, “inúmeras massas de imigração luterana chegaram ao Sul do País, especificamente em meados de 1825”⁴⁶. Essa prática de organização para prestar assistência religiosa a imigrantes passou a ser denominado de “protestantismo de imigração”⁴⁷. Um segundo tipo de protestantismo foi o “protestantismo de missão”⁴⁸. A Igreja Metodista originada da norte-americana é o primeiro exemplo desse segundo tipo de protestantismo a chegar no Brasil (1836), iniciando seus serviços através de reuniões realizadas pelos missionários em residências. Foi graças a esse médico escocês que, “[...] se conseguiu a regularização e o reconhecimento oficial dos não católicos em 1861, bem como a autorização dos registros de seus nascimentos e falecimentos em cartórios de paz, o que, até então, era feito exclusivamente nas paróquias católicas”⁴⁹.

Depois, em 1859, foi a vez da Igreja Presbiteriana enviar também um missionário que (1862) funda a primeira igreja, no Estado do Rio de Janeiro, logo em seguida, em 1865, a segunda, no Estado de São Paulo. No ano de 1881 os Batistas fundaram sua igreja no Estado da Bahia. “As últimas denominações a chegarem ao Brasil foram: a Igreja Episcopal dos EUA (1889); que se estruturou no Estado do Rio Grande do Sul e, por último veio a Igreja Luterana, também dos Estados Unidos (1900)”⁵⁰. Esta prática de missão permaneceu sendo desenvolvida em todo o século XIX no Brasil, que através do proselitismo, em função dos processos de imigração ocorridos naquele período, resultou no chamado protestantismo histórico. Já o pentecostalismo no período em que chegou, ele estava, segundo Freston “sem grandes recursos ou denominações

⁴⁶ SIEPIERSKI, C. T. *De bem com a vida: o sagrado num mundo em transformação – um estudo sobre a Igreja Renascer em Cristo e a presença evangélica na sociedade brasileira contemporânea*. Tese de doutorado. Apresentada ao Departamento de Antropologia Social da FFLCH-USP, São Paulo, 2001, p. 22.

⁴⁷ BITUN, 2007, p. 22.

⁴⁸ BITUN, R. *Igreja Mundial do Poder de Deus: Rupturas e Continuidades no Campo Religioso Neopentecostal*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC-SP, 2007, p. 22. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4833>. Acesso em: 08 mar. 2017.

⁴⁹ SIEPIERSKI, 2001, p. 28.

⁵⁰ Cf. BITUN, 2007, p. 23.

estabelecidas, e mais interessado numa última arrancada evangelística antes do fim do que na criação institucional, o movimento não estabeleceu as relações de dependência⁵¹ que caracterizavam as missões históricas. Tendo como sua principal característica trazer a mensagem do Evangelho a um lugar em que seus adeptos acreditavam na ‘danação’, e chegaram anunciando que havia esperança na ‘restauração’ por meio da ação do Espírito Santo que, como aduz Berg⁵²: “Jesus, salva, cura, vai voltar e batiza com o Espírito Santo”. A pregação realizada no Brasil pelos pentecostais, por ser em regiões urbanas no meio das praças e ruas, fez surgir um modelo organizacional de práticas onde seus pregadores/pregação sob a influência da cultura religiosa popular, nas palavras de Jonatas Silva Meneses “certo protestantismo brasileiro”.⁵³

Analizando as diversas fases ou etapas apresentadas na essência desse pentecostalismo, existem “inúmeras classificações”⁵⁴ para o mesmo. Todavia, nessa pesquisa será considerada a classificação da “Metáfora Oceânica”⁵⁵ proposta por Martin e que Freston e Mariano seguem; a qual divide o movimento pentecostal em três ondas. Na Primeira Onda, na década inicial, estariam as igrejas Congregação Cristã no Brasil e Assembléia de Deus, entre os anos de 1910 e 1911. Na Segunda Onda, décadas de 50 e 60, estariam as igrejas: Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo, Deus é Amor, e outras. Na Terceira Onda, entre as décadas de 70 e 90, estariam as de tipologia chamada de neopentecostais: Comunidade Sara Nossa Terra, Igreja Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, a Igreja Mundial do Poder de Deus. Observando que, nestas últimas, “as principais ou de maior destaque no cenário nacional mediante sua capacidade de levar sua doutrina midiática e conseguir um maior número de membros e

⁵¹FRESTON, P. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. Tese de Doutorado. Campinas/SP: IFCH-UNICAMP, 1993, p. 75.

⁵²BITUN, 2007, p. 26.

⁵³ MENEZES, S. J. Protestantismo, Protestantismos ou Protestantismo à brasileira? *Revista Nures*, ano VII, nº 18, maio-agosto de 2011, p. 134.

⁵⁴ A classificação mais usada para analisar o campo religioso pentecostal no Brasil são as que, ou se baseiam na data de chegada dos emissários das denominações, ou o ano de começo do movimento, como cita Ricardo Bitun nos trabalhos realizados por: Brandão (1986), Mendonça (1989), pelo Centro Ecumênico de Informação – CEDI – (1991), Paul Freston (1993) e por Ricardo Mariano (1995).

⁵⁵ MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 25.

fiéis”⁵⁶. Para esta pesquisa em especial a ênfase foi a Terceira Onda pentecostal, pois se encontra inserido o neopentecostalismo, que representou uma transformação na forma de atuação religiosa no País. Além de, nitidamente, separar com o legalismo pentecostal características inseparáveis das pentecostais clássicas e que existiam nas comunidades religiosas desenhando na chamada segunda onda – as igrejas neopentecostais podem ser divididas em correntes que as precederam por se configurarem drasticamente contra os exercícios religiosos de matrizes afro-brasileiras e do espiritismo.

Oportunizando um olhar ampliado temos, dentre as inúmeras denominações surgidas a partir de 1970, a que maior mudança proporcionou que foi a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), sendo considerada o maior fenômeno do pentecostalismo nacional. Mariano aborda que: “seu aumento, sobretudo, a partir de meados dos anos 80, quando começa a adquirir as primeiras rádios, tem sido impressionante”⁵⁷. Mariano direciona esforços críticos para a questão de que a forte inserção da Igreja Universal do Reino de Deus na mídia e na política partidária, além de sua capacidade gerencial, sua expressiva expansão no Brasil e em outros países, bem como sua eficiência de reunir fiéis em diversos Estados não encontra paralelo na história de nenhuma outra grande denominação protestante brasileira.

3. Ascensão do neopentecostalismo através da midiatização

A partir do surgimento da globalização que transformou as formas de relação entre os indivíduos, mercado e meios de comunicação, este instrumento de levar a informação ocupou uma posição primordial para a comunicação humana, através das mídias digitais. Com surgimento e crescimento da era digital a lógica social, a realidade do cotidiano levou o imaginário simbólico reestruturaram-se sob as influências midiáticas e mercadológicas. “As igrejas também buscaram essa influência para concorrer no campo religioso, essa disputa não é apenas na área financeira, mas pelo controle do produto simbólico”⁵⁸. Seguindo este raciocínio, percebe-se que “algumas organizações religiosas parecem se adaptar as exigências de um

⁵⁶ BITUN, 2007, p. 33-34.

⁵⁷ MARIANO, 1999, p. 53.

⁵⁸CAMUÇATTO, D. S. A Construção e a Desconstrução da Imagem de Valdemiro Santiago nas Mídias. *Anais... VIII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesical (Eclesiocom)*. São Paulo, 2013, p. 1. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/anaisdaeclesiocom2013.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

tempo marcado pela lógica do entretenimento de grande escala midiática, tratando do fenômeno cultural da sociedade contemporânea”⁵⁹. O conhecimento neste novo cenário passa a ser fundamental permitindo a construção de imagens e emoções. Essa dimensão da comunicação alcançou várias esferas e, notadamente, as de enorme relevância na vida das sociedades humanas como a pública, a política e também a religiosa, proporcionando interesse em estudos, por exemplo, sobre o impacto comunicacional na igreja, especialmente nos movimentos neopentecostais, que, possui uma facilidade em adequação e trabalho nessas novas ferramentas demonstrando habilidade e conhecimento íntimo, mais que outras denominações. Percebe-se que esta característica já era desenvolvida no período da reforma protestante, quando a comunicação e a igreja criaram essa espécie de relacionamento íntimo. De uma forma muito planejada, pois, para atrair novos seguidores, após a separação com a Igreja Católica, até então hegemônica, esse novo movimento, necessitou fazer uso dos veículos comunicacionais com o objetivo, também, de disseminar seus postulados. Com isso, é visto que “ao longo de sua história usará a tecnológica, principalmente as midiáticas, como forma de evangelização, seja por meio de jornais, revistas, rádios, televisão e mais recentemente a internet”.⁶⁰

A existência desta ligação dos protestantes com o rádio é realmente muito antiga, a participação se deu desde a início desses praticantes. No período de 1900, instituições missionárias concentraram seus esforços para aqueles locais que passaram a considerar novos campos missionários: os países do continente Africano, Asiático e América do Sul, novas formas de comunicação estavam, nesse contexto, sendo experimentadas e novas tecnologias. Essa necessidade de se “pregar o evangelho a toda a criatura” era apresentado como uma exigência decorrente para os evangélicos da “Grande Comissão” dada por Jesus Cristo aos seus seguidores”⁶¹. Analisando o Brasil, essa junção entre as ondas de rádio e os protestantes especialmente o pentecostal acontece pela cultura da oralidade; que é predominante no território brasileiro e, desse modo, o rádio permite o receptor a criar sua própria imagem mental daquilo que está sendo veiculado. Com surgimento da Televisão como um dos principais instrumentos de comunicação, essa atitude

⁵⁹ MELO, J. M.; GOBBI, M. C.; ENDO, A. C. B. (orgs.). *Mídia e religião na sociedade do espetáculo*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007, p. 79.

⁶⁰ CAMUÇATTO, 2013, p. 2.

⁶¹ CAMPOS, L. S. *Evangélicos, Pentecostais e Carismáticos na Mídia Radiofônica e Televisiva*. *Revista USP*. N. 61. P. 146-163, Março/Maio 2004, p. 150.

é alterada, porque a TV passa a influenciar a sociedade contemporânea, formando sua opinião, é um meio frio de comunicação, porque oferece ao receptor imagens prontas. “Esta passividade teria acarretado o abandono do discurso falado e o aparecimento de uma ditadura da imagem”⁶². De forma gradual, a transmissão por meio de TV vai se tornando peça principal comunicacional, definindo métodos para a transmissão de imagens. Porque, “o meio é a mensagem, o que equivale a dizer que o canal no qual a tecnologia se estabelece, não é apenas um meio de comunicação, porém, dita o próprio meio da mensagem”⁶³. A partir do momento em que uma mensagem é transmitida por veículos imagéticos, tanto a emissão quanto a recepção, necessitam estar vinculada às imagens, aos símbolos e, automaticamente, ao imaginário para comunicar-se com os receptores.

Desta forma, se os pentecostais desenvolveram habilidades que permitiram o domínio no rádio, os neopentecostais apostaram em seu crescimento através, do marketing religioso com foco na TV, proporcionando alcance maior para novos adeptos, apesar da programação nesse meio ser tradicional e historicamente bem mais elevado os gastos de manutenção do que as veiculadas pelas emissoras de rádio. “A partir de 1950 Já é pode ser visto nas televisões figuras como: Nilson do Amaral Fanini, Billy Graham, Jimmy Swaggart, todo transmitidos pela Rede Tv ou Record”⁶⁴. “Um dos elementos que explicam o caráter peculiar da modernidade é a separação de tempo e espaço, dimensões antes ligadas por meio dolugar”⁶⁵. A instrução de eventos distantes na consciência cotidiana promove o deslocamento das relações sociais dos contextos locais, antes obrigatório a convivência. Sendo assim, “esta nova sociedade permite com maior aceitação, estes canais de comunicação, possibilitando atender seus anseios e necessidades”⁶⁶. Originalmente poderia pensar no entretenimento como o conjunto de ações que divertem, distraem e ocupam o tempo das pessoas entre as duas atividades consideradas essências a sobrevivência o trabalho e a proteção familiar.

“Observa-se que vai muito além, criando condições favoráveis para oportunizar o marketing religioso e pela própria

⁶² CAMPOS, 2004, p. 280.

⁶³ BRAGA, A. McLuhan entre conceitos e aforismos. *Revista Alceu*. V. 12, n. 24, jan./jun. 2012, p. 48. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Artigo%204_24.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2017.

⁶⁴ CAMUÇATTO, 2013, p. 4.

⁶⁵ GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 23.

⁶⁶ MELO; GOBBI; ENDO, 2007, 2007, p. 81.

facilidade de aceitação desta sociedade moderna”⁶⁷. Delimitando um pouco mais a abordagem, ocorre um acontecimento que explica com maior intensidade este raciocínio midiático na religião. Que foi o surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), com seu “modelo de negócio” diferenciado que, segundo Camuçatto, os neopentecostais aprenderam a explorar todo, e grandemente, o potencial da TV. “Aprenderam o bastante para, atualmente, não mais alugar os caros horários das emissoras televisivas, agora a ordem é autonomia, deixar de ser locador para tornar-selocatório”⁶⁸.

O impacto gerado na sociedade e no ambiente religioso, com essa alteração de estratégia, ocorre porque tornaram-se necessárias elevadas quantidades de capital, fazendo surgir também para ser explorado um mercado religioso, de doação de ofertas e de manuseio de símbolos, tanto cristãos como de outras religiões, o chamado mercado gospel que, “na lógica da cultura do mercado, consumir bens e serviços é ser cidadão; na lógica da cultura gospel, consumir bens e serviços religiosos é ser cidadão do Reino de Deus”⁶⁹. Nesse caso, o consumo não é apenas uma ação que responde a lógica do mercado, mas constitui elemento produtor de valores e sentidos religiosos.

Considerações finais

Entre as muitas características que marcam o neopentecostalismo, essa chama a atenção, a de sua migração do rádio para a TV. De certa maneira, esse movimento consegue unir jornal, revista, rádio, televisão e novos meios midiáticos, contudo, é notável como na televisão está a sua preferência, pois é visível a atenção especial que desvela a essa mídia. Outro exemplo dessa forma de expansão midiática, inserida em um ambiente globalizado, é a “Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), tem investido fortemente no uso tanto da mídia eletrônica quanto da mídia escrita”⁷⁰, para a “difusão de seus projetos políticos e, especialmente,

⁶⁷MARQUÊS, J.; MOLLÁ, D.; SALCEDO, S. *A Sociedade Atual*. Coleção Biblioteca Salvat de Grandes Temas. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 2007, p. 82.

⁶⁸CAMUÇATTO, 2013, p. 4.

⁶⁹CUNHA, M. N. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, Mysterium, 2007, p. 138.

⁷⁰FONSECA, A. B. C. Lideranças evangélicas na mídia: trajetórias na política e na sociedade civil. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 19, nº 1, pp. 85-112, junho 1997, p. 85.

expansionistas”⁷¹. Assim, percebe-se que a IMPD usa largamente os instrumentos de comunicação para legitimar conteúdos de sua mensagem, e faz uso com especialidade nas ferramentas de imagens, as quais, por todo o caminhar da humanidade comunicam símbolos, sejam eles desenhos em cavernas, placas informativas, elementos visuais e/ou outros. A imagem é produto do imaginário, as formas de pensamento, sejam elas artísticas, arquitetônicas, ou outra qualquer, são “produções de nosso contexto, de nosso tempo, de nossa marca identitária, dos mitos, de nossa cultura e da religião, ou seja, do imaginário presente em todas as culturas do ser humano”⁷².

“O imaginário é constituído por todas as imagens produzidas pelo ser humano, proveniente de atitudes mentais que formam as concepções e comportamentos de uma cultura, assim é uma construção mental que se mantém como cimento social”⁷³. Mediante esta posição, Durand afirma que o imaginário na sociedade constrói imagens, assim, tanto a imagem quanto o imaginário são elementos cíclicos, um produzido condições para manutenção do outro. Pode-se concluir, então, que os produtores de símbolos, ritos e imagens somam, de forma direta ou indiretamente, para influenciar o imaginário. E a religião, é, portanto, um representante ideal para influenciar. Nela, os símbolos podem ser interpretados e ressignificados. “Não se trata de uma veneração da pedra como pedra [...] A pedra sagrada, as árvores sagradas não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são uma manifestação do sagrado”⁷⁴. Sendo assim, é preciso legitimação do religioso, dessa forma é necessário criar uma imagem apropriada, essa imagem precisa “identificar as pessoas com o religioso, a fim de sacralizá-lo, transformando sua imagem em legítima perante os seguidores, mas, especialmente, também perante a disputa religiosa

⁷¹NOVAES R. R. *Sociologia da Religião no Brasil*. Revisitando Metodologias, Classificações e Técnicas de Pesquisa. PUC-SP, 1999. Disponível em:

<<http://www.revistas.ulusofona.pt/index.php/cienciareligioes/article/download/.../2556>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

⁷²MAFFESOLI, M. O Imaginário é Uma Realidade. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n.15, agosto de 2001. Entrevista a Juremir Machado da Silva. Disponível em:

<<http://200.144.189.42/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/285/217>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

⁷³DURAND. G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Trad. Hélder Godinho. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 45.

⁷⁴ELIADE, M. *O sagrado e o profano*: a essência das religiões. Tradução de Rogerio Fernandes. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.p. (Coleção Vida e cultura), 1992, p. 17.

que se torna significativa”.⁷⁵

O Presente trabalho evidenciou a denominação religiosa ligada ao movimento neopentecostal que buscou cientificamente a interpretação dos mecanismos através dos quais tal movimento trabalha seu simbolismo, sua liturgia e os instrumentos midiáticos, os quais lança mão para a construção das experiências, vivências, adesões e serviços religiosos, aliados a conceitos mercadológicos de marketing e paradigmas já estabelecidos por autores acadêmicos. Desta forma, observasse que o neopentecostalismo ganhou forma e espaço com estratégias de modelos empresariais que existem no sistema capitalista e oportunizando o surgimento de mecanismos que atendem a necessidade de sua clientela permitindo uma expressiva participação no campo religioso.

Referências

BARBOSA, A. M. *Do terreiro ao púlpito: apropriação e ressignificação de elementos de crença das religiões afro-brasileiras pela liderança da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2010)*. Londrina, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mesthis/MarcoABarbosa_Dissertacao.pdf>. Acesso em: 30abr. 2017.

BERGER, P. L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERTRAND, C. *A deontologia das mídias*. Bauru, SP: Edusc, 1999.

BITTENCOURT FILHO, J. *Matriz religiosa brasileira*. Religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003.

BITUN, R. *Igreja Mundial do Poder de Deus: Rupturas e Continuidades no Campo Religioso Neopentecostal*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC-SP, 2007. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquiv o=4833>. Acesso em: 08 mar. 2017.

BRAGA, A. McLuhan. *Entre conceitos e aforismos*. Revista Alceu. V. 12, n. 24, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Artigo%204_24.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2017.

⁷⁵ CAMUÇATTO, 2013, p. 7.

BURGESS; M. G. *Dicionário dos movimentos pentecostais e carismáticos*. Hardcover. 1988.

CAMPOS, L. S. *A Igreja Universal do Reino de Deus – um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão* (Brasil, África e Europa). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, 1999.

_____. *Evangélicos, Pentecostais e Carismáticos na Mídia Radiofônica e Televisiva*. Revista USP. N. 61. P. 146-163, Março/Maio 2004.

CAMUÇATTO, D. S. *A Construção e a Desconstrução da Imagem de Valdemiro Santiago nas Mídias Anais... VIII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesical (Eclesiocom)*. São Paulo, 2013. Disponível em:
<<http://www2.metodista.br/unesco/anaisdaeclesiocom2013.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

CÉZAR, E. L. *História da Evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa: Ultimato, 2000.

CUNHA, M. N. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, Mysterium, 2007.

DORNELES, V. *Cristãos em Busca do Êxtase*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2002.

DROOGERS, A.; BOUDEWJINSE, B. (Ed.). *Algo mas que o ópio – uma lectura antropológica Del pentecostalismo Latino americano e Caribeño*, San Jose, Costa Rica, DEI, 1991.

DURAND. G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Trad. Hélder Godinho. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução de Rogerio Fernandes. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.p. (Coleção Vida e cultura), 1992.

FONSECA, A. B. C. *Lideranças evangélicas na mídia: trajetórias na política e na sociedade civil*. Religião & Sociedade, Rio de Janeiro, v. 19, nº 1, pp. 85-112, junho 1997.

FRESTON, P. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. Tese de Doutorado. Campinas/SP: IFCH-UNICAMP, 1993.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MAFFESOLI, M. *O Imaginário é Uma Realidade*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n.15, agosto de 2001. Entrevista a Juremir Machado da Silva. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/285/217>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

MARQUÉS, J.; MOLLÁ, D.; SALCEDO, S. *A Sociedade Atual*. Coleção Biblioteca Salvat de Grandes Temas. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 2007.

MARIANO, R. *Usos e limites da Teoria da Escolha Racional da Religião*. Tempo Social, v. 20, n.2, novembro de 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n2/03.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

_____. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. *Estud. Av.*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, dezembro de 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300010>. Acesso em: 13 mar. 2017.

_____. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MELO, J. M.; GOBBI, M. C.; ENDO, A. C. B. (orgs.). *Mídia e religião na sociedade do espetáculo*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

MENDONÇA, A. G. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. 2 ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

MENEZES, S. J. *Protestantismo, Protestantismos ou Protestantismo à brasileira?* Revista Nures, ano VII, nº 18, maio-agosto de 2011.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 1999.

NOVAES R. R. *Sociologia da Religião no Brasil*. Revisitando Metodologias, Classificações e Técnicas de Pesquisa. PUC-SP, 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.ulusofona.pt/index.php/cienciareligioes/articloe/download/.../2556>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

PIERUCCI, A. F. *A magia*. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____.; PRANDI, R. *A Realidade Social das Religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, V. G. *Intolerância religiosa – Impactos do Neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

PRANDI, R. A religião do planeta global. In: ORO, A. P.; STEIL, A. (Orgs.). *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997.

ROCHA, E. M. R. *Direitos Fundamentais e Comunicação Social: Carisma, Magia, Marketing e Religião na Igreja Mundial do Poder de Deus – Dissertação de Mestrado – UNIDA/Faculdade Unida de Vitória*. Vitória/ES, 2014.

SANCHIS, Pierre. *As religiões dos brasileiros*. HORIZONTE 1.2 (2009): 28-43.

SIEPIERSKI, C. T. *De bem com a vida: o sagrado num mundo em transformação – um estudo sobre a Igreja Renascer em Cristo e a presença evangélica na sociedade brasileira contemporânea*. Tese de doutorado. Apresentada ao Departamento de Antropologia Social da FFLCH-USP, São Paulo, 2001.

STANLEY, M. B.; MCGEE, G. B. *Dictionary of pentecostal and charismatic movements*. Grand Rapids: Zondervan, 1989.

SMITH, H.; SCOOS, M. *As Religiões do Mundo, nossas grandes tradições de sabedoria*. São Paulo: Ed. Cultrix, 2002.